

Organizadores

Bruna Kalil Othero

Octavio Cardozzo

Vinícius Sáez

**Novos contistas
mineiros**

Breve coletânea



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2017

Atrevidinha

Firmina Caldeira

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Reinildes Dias

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Bruna Viana

Diagramação

Katryn Rocha

Revisão de provas

Flávia Andrade

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

A partir de agora, podem me chamar de Barbara. Sem acento. E pronto! Criei, está criada. O que será dessa personagem depois eu penso. Por hora, o que vocês precisavam saber, já sabem.

Quando menina, eu era um pouco atrevidinha. Mas não atrevidinha como as mocinhas das radionovelas. Essas eram apenas ladinas. Eu era obscena. Mamãe sempre me chamava de despuorada, de malandrinha, e vez ou outra passava por mim abaixando minha saia contra a visão maliciosa dos vizinhos. Pedia que me comportasse como as meninas da minha idade. Mas eu teimava em ser diferente.

Com o tempo, eu fui me perdendo pelos cantos. Primeiro, perdi a liberdade de me vestir como eu queria, quando as minhas primeiras regras desceram e jogaram esse fardo de ser mulher nos meus ombros. Depois, perdi a ousadia do meu comportamento impulsivo, quando me casei e tive que aprender a ser cativa dos desejos alheios. E, por último, derradeiro mesmo, perdi as expressões do meu corpo, quando começou a crescer uma criança dentro de mim e me empurraram goela abaixo a ideia de que eu era um ser sagrado.

O marido morreu, o filho cresceu e se casou. Do meu corpo, cada um levou um pedaço. As costas doem muito, após tantos anos moldadas aos pudores do mundo. Eu, o ser sagrado, fiquei só. Até de mim mesma. E então, finalmente, pude voltar a ser atrevidinha.

Por favor, não gosto de repetir! Me chamem de Barbara, o meu eu obsceno.

Meu corpo agora é outro: este pedaço de papel. Não sou escritora nem nada. Sou apenas uma mulher sem matéria, sem história e sem destino. E me aproprio da escrita para voltar a ser atrevidinha.

Aqui, sentada, tudo dói menos. Felizmente, as mãos ainda funcionam. De um lado, uma xícara de café; do outro, um charuto. Sim, a Barbara fuma. E também senta de pernas abertas. E não usa calcinha. E não perde a elegância.

Indo direto ao ponto, o fato é que eu vou participar de um concurso literário. Eu não, a Barbara. Ela sim é escritora. E eu vou ser bem atrevidinha nesse texto. Tudo o que eu não fui nos últimos 50 anos. Eu não, a Barbara. E sabe o que mais eu fiz? Comprei uma caixa de lápis de cor. De 36 cores. A Barbara adora e vai colorir tudo em volta. Cansou de preto e do branco. A Barbara e eu também.

Então, por fim, eu lhes apresento o texto que Barbara escreveu no último mês, antes de enviá-lo ao concurso. E eu tenho um baita orgulho dessa mulher tão atrevidinha.

aqueles três

Conheci o meu primeiro namorado, o Anselmo, nos primeiros dias da faculdade. Era um amor de pessoa. Tão incrível que nem precisava ser bonito. Tinha traços finos, boca agressiva e os cabelos do Tarcísio Meira. Queria beijar-lhe os olhos, de tão brilhantes. Me acordava com café na cama, trazia umas margaridas e depois me comia duas ou três vezes antes de ir trabalhar. Mas tinha muitos defeitos, o coitado. Aquele colo quente, aquela barba por fazer, braços muito fortes, mãos grandes com unhas bem feitas e um pau muito reto pro meu gosto. Sei lá, não me adaptei e terminei tudo.

Já o segundo, o Alberto, eu conheci no karaokê da Rio de Janeiro. Era o contrário do primeiro. Corpo esguio, muito alto, cabelos lisos e longos, rosto de galã. Muito misterioso, com aquela cara de quem sempre está olhando pro horizonte. Me acordava com poesia na cama, trazia uns cigarros e depois me comia duas ou três vezes antes de ir pra faculdade. Mas também tinha muitos defeitos. Tocava violão de cueca pela casa, cantando Caetano e exibindo seu peitoral bem delineado e de poucos pelos – eu amo pelos. Muitos pelos. Tinha um sorriso muito branco, tão branco que me cegava. Além daquelas coxas grossas que não combinavam com seu corpo atlético. Sei lá, me sentia a Helena da novela e terminei tudo.

Mas o terceiro, o Eriberto, que eu conheci na fila do açougue, esse sim – perfeito. Tinha aquele tique nervoso nas pálpebras toda vez que perguntavam o seu nome. Me acordava com seu ronco de macho e me comia duas ou três

vezes no mês. De vez em quando, me ligava, e eu adorava ouvir sua voz grossa me ordenando a abrir a agenda telefônica e ler algum número que ele havia esquecido. De tarde, tomávamos café juntos e ele tentava me fazer ciúmes, contando das gurias assanhadas da tecelagem e o quanto elas cheiravam bem. Mas eu era certa do seu amor e não caía nas suas armadilhas. Foi assim durante os cinco anos em que estivemos juntos. Até que um dia, na farmácia do Prado, eu me conheci.

Barbara H.

Firmina Caldeira é mineira de Teófilo Otoni, da quinta geração dos Caldeira no Brasil. Em 1967, se formou em direito pela UFMG e começou a publicar seus contos no jornal *Estado de Minas*. Entre eles, o premiado pelo Concurso Literário de Metalinguagem, *Atrevidinha* (1991). São seus também os romances *Serenata ao marido por mim esfaqueado* (1988) e *As receitas da Tia Rose* (1991), além de *O guarda-chuva da menina revolucionária*, um infantil, e *As bolinhas vermelhas*, biografia de Inês Galvão, ambos lançados em 2001 pela Editora Retalhos.

Lá em BH...

Bertolino da Silveira

No buteco do Cataplá, naquela sexta-feira de tardinha, uma pouca freguesia de sempre se ajuntava na mesa perto da porta. A conversa às vezes animava, passava pelo futebol, o xingatório do horário de verão, as eleições e depois silenciava igual meia-noite. Apesar de que na cidade grande a meia-noite é de farra, e com ela de vez em quando pelejava o aspirante a advogado.

Bertolino era rapaz chegado de pouco na capital, pra fazer o curso na federal. O menino-homi era sabido, filho de professora com marceneiro, ambos criados na zona rural. O Bert, como era chamado na faculdade, nasceu na cidade mesmo, mas gostava de ajudar o pai com o gado e tocar a sanfona que a mãe deu.

Na cidade grande não tinha isso, era estudar e pronto, como orientava a mãe. O pai também não queria que o menino-crescido passasse os perrengue que passou na idade dele. A faculdade ia bem, mas era sexta-feira mesmo e o Cataplá era pertinho de casa.

— (...) por isso acho que o tal escritor ganha esse ano, entendeu?

— Do que cês tão falando, gente?

— Das eleição, Bertolino. Chega aí, senta com a gente.

Era o Sr. Hamilton, idoso, amigo, apreciador de causos.

— Achei que era de literatura... Sento uai, põe uma pinguinha pra mim!

— Aqui, gente, o menino vai benzer a pinga de novo!

— Óia, quem me ensinou foi ti'Tião: "benzê o mé", como diz o próprio. Inclusive lembrei dum caso dele. Bebo, conto e benzo a próxima então.

— Já falei pra escrever esses causo, menino, cê tem talento!

— Gradicado, mas vai escutando: é que, certa feita, um parente da capital visitou ele. Aí o sujeito ficava que só contando vantagem: "lá em BH isso, lá em BH aquilo, lá é bão demais..." E o parente empolgou com a pinga do meu tio, vira-que-mexe virava uma.

Nisso Bertolino bebeu mais uma, imitando o sujeito do caso:

— Mas aí era um tal de lá em BH, lá em BH...

Quando vê, toca o celular do estudante. Era a mãe, querendo saber notícia do amado filho; se voltava no feriado. A pinga subiu na hora. Também pudera, bebendo de estômago vazio! Se enrolou na fala e soltou um "lá em BH é feriado não, mãe!"... Pra quê! Ela danou perguntar: se num tava na capital, onde estudava, onde é que tava?! E a turma do buteco nada de aguentar segurar risada...

Naquela noite foi um chororô danado da mãe no telefone. Bertolino pelejando pra acalmar sua velhinha. Pior ainda era pensar como seria quando fosse explicar que não queria ser advogado coisa nenhuma... Queria era voltar pra casa, mexer com a roça, tocar sanfona, escrever causo...

Bertolino Miguel da Silveira, o Bertolino da Silveira, chegou nesse mundão-de-meu-Deus aos 27 dias do novembro de 93. Pelejou com o Direito, mas tem inclinado pros contos, pra juntar causos da família e de quem mais quiser contar pra ele. E por falar em conto, este é o primeiro desse matuto nascido na pacata Jeceaba, perto da Congonhas do Aleijadinho; donde o XIX Festival Literário aceitou inscrever seu dito conto, com pseudônimo Miguel Silva.

A Personificação do Fracasso

Heleno Corban

O nome guiará o destino daquilo que nomeia? Ou será o nome apenas um ponto de partida? Adão, chamando-se Homem de Barro em hebraico, guiará todos os nossos destinos a partir de como foi nomeado? Somos mesmo essa massa moldável, mole ou seca, com que os deuses buscam moldar a vaidade universal?

Quanta besteira.

Esse era eu, ruminando tanto esforço de reflexão apenas para decidir um pseudônimo, rumo a mais um concurso que certamente não venceria. Era difícil, em primeiro lugar, porque eu estava cansado de inventar nomes que nada significavam, e agora buscava algo que definisse a minha pessoa impulsiva. Em segundo lugar, porque já havia há muito em mim tal nome perfeito, sem quinas: era meu próprio nome. E com isso eu tinha que lidar com esse amargor, porque, vejam bem, como pseudonimizar um epíteto que tão bem cabe ao meu destino? Ser Heleno e ser Corban — ou seja, ser um grego, ser trágico, ter o corpo machucado pela democracia ateniense, e ser corban, o sacrifício judeu, ser aquilo que é destruído rumo à elevação pro céu quicá vazio — significa ser aquele que pensa e ruma os dias nas escadarias da razão e estar de cócoras eternamente para as emoções mais tolas e macias e cheias de sacrifício. Ser eu.

Desta forma, decidi, enquanto imprimia a ficha de inscrição com que deveria marcar o pseudônimo, que o melhor seria viver apenas o sinônimo. Assim: Sacrifício Ateniense. "Que porcaria", eu pensei. "Mas vai ter que servir".

“Espere”, perguntará o leitor que desconfia de minha integridade enquanto ser humano limpo, “por que tanto trabalho, mesmo sabendo que nada vencerá com tais contos?” Ora, meu irmão, minha irmã, é tão simples: de que outra forma eu poderia justificar meu nome, de que outra maneira eu poderia ser esse coração Corban miserável, coluna sustentando o Heleno cérebro sem cadência? Como ser completo, ser persona saudável ao meio-dia rumo à agência de Correios — sem ser a personificação do fracasso?

Heleno Rodrigues Corban nasceu em Morro do Ferro (MG) a 13 de abril de 1994. Estudante de Odontologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), iniciou sua carreira como contista com publicações esparsas no pequeno jornal de sua cidade, *Gazeta Férrea*, tendo fracassado continuamente em todos os concursos literários de que participou. Tem, atualmente, distribuído suas obras por Belo Horizonte a partir de folhetos que imprime com sua própria e míngua renda. A primeira antologia de suas histórias curtas aguarda prelo, sob o nome de *Escatologia Marmórea*.

Sobre viver

Lady Murphy

Era uma manhã confusa de novembro. O clima trazia a ameaça de uma chuva que não cairia. As pessoas se preparavam para seus respectivos dias de forma automática, imersas em uma rotina que trazia conforto e proteção.

Do lado oposto a esse grupo estava Murphy. Ela acabara de acordar e encarava, ainda meio estarelecida, o ponto de ônibus cheio que precisaria enfrentar para trabalhar. O motivo do estarelecimento? Sonhara que estava morta. O choque de recobrar a consciência e encontrar-se respirando foi intenso. Naquela manhã, descobriu que morrer é diferente de estar morta. Estar morta, naquele momento, era só sonho. Morrer era sua rotina diária, começando às 6h da manhã.

Decidida a não se deixar levar por devaneios, parou de pensar sobre o que é viver e uniu-se àquelas pessoas do ponto, que seguiam somente existindo.

Lady Murphy é pseudônimo de Fabiana Ventura, jovem escritora e desenhista mineira, apelidada assim na infância por uma propensão ao azar. Participou do concurso literário “Sobre viver”, em 2015 e, misteriosamente, contrariando as regras, ganhou, num momento, de sorte. Devido a seu histórico, ela acredita piamente que todas as desventuras posteriores que ocorreram no universo aconteceram em razão de seu prêmio. Continua escrevendo e desenhando em seu blog, sem, contudo, participar de novos concursos, pensando, supersticiosamente, em manter o mundo a salvo.

O ônibus das 6h

Renata Lispector

Maria Joana saiu de casa bem cedo, por volta das 6 horas da manhã. Era mais um dia, daqueles exaustivos, de labuta pesada e que o sofrimento já começa na condução. Maria ia para mais um dia de faxina, um ônibus lotado e caindo aos pedaços de tão velho. Como sempre, Maria não encontrou lugar vago, então, mais uma vez, foi em pé. Crianças entrando com mochilas enormes e várias mulheres sorridentes, guerreiras que iam em busca do ganha-pão diário, essas mulheres ocupavam 80% daquele ônibus. O motorista estava sempre alegre, acostumado com o vai e vem das viagens, o cobrador, por sua vez, sempre de cara fechada, impaciente com aquelas que chegam com notas grandes.

Maria fazia o trajeto sempre calada, com seu lenço na cabeça e uma longa saia de chitão. Bolsa não possuía, levava seus pertences em uma sacola de mercado, pois as despesas familiares não permitiam que ela comprasse uma bolsa de pano, por mais simples e barata que fosse. Nesse dia, Maria deixou sua pequena sacola cair no chão do ônibus. Quando abaixou-se para pegar, sentiu uma mão em suas nádegas: eram as mãos de João Bobão, morador de um bairro vizinho ao dela, homem que nunca havia entrado naquele ônibus, ao menos não naquele horário. Maria gritou ao notar que aquelas mãos eram de um homem, então pediu aos gritos que o motorista parasse o ônibus. Todos os passageiros ficaram assustados, mas as mulheres foram solidárias à Maria. Juntaram-se todas e deram uma lição naquele

bobão assediador, que por sinal, nunca mais tomou aquele ônibus, pelo menos não no dito horário das mulheres, que era o ônibus das 6h.

Renata Lispector é graduada em Direito na UFMG (1980). Nasceu no ano de 1955 em Monte Verde, sul de Minas Gerais, mudou-se ainda criança para Belo Horizonte, com seus pais e quatro irmãos. Os pais de Renata sonham em ver a filha em um convento, entretanto, Renata queria mesmo, seguir a magistratura, defender a igualdade de gênero. O conto "O ônibus da 6h" foi publicado na Revista Literária do Corpo Discente da UFMG em julho de 1975. Renata Lispector obteve a sétima colocação entre os contos publicados.

Dias melhores virão

Lavinia da Gama

Era uma vez uma jovem chamada Mary que vivia com os pais em Gabu no interior de Bissau. Ela era muito querida por todos e era a primeira filha e a primeira neta da família.

Após concluir o ensino médio, resolveu ir para capital em busca do emprego e estudos na formação superior. Ao chegar em Bissau ela foi morar com os tios. Quando foi a fazer inscrição para o vestibular, chegou lá e viu uma amiga chamada Mariama.

— Mariama, tudo bem?

— Estou bem, Mary! Quanto tempo!

— Pois é, muito tempo. Agora você mora aqui em Bissau?

— Sim... E também pretendo estudar na Lusófona. Vim fazer inscrição para o vestibular.

— Eu também. Nossa! Tomara que a gente consiga.

— Que curso você está querendo fazer?

— Eu quero fazer Direito, e você?

— Ciências Sociais.

— Ei, Mariama, o papo está bom, mas tenho que ir. Tchau. Beijos, até a próxima.

— Tá bom, Mary. Tchau, até!

Depois de um belo reencontro entre as amigas, a Mary voltou para casa toda animada, contando para os tios o que tinha acontecido quando ela foi fazer o vestibular. Resolveu ligar para os pais para contar que foi tudo certo com ela, se Deus quiser ela vai conseguir entrar na universidade, e também falou que vai fazer um concurso,

para conseguir um emprego melhor, assim ela poderá se mudar da casa dos tios. O pai ficou todo orgulhoso da filha.

Chegou o dia do concurso, a Mary acordou bem cedo para ir fazer o concurso para o emprego. Ao chegar no centro da cidade onde ia fazer o concurso, ela ficou surpresa de tanto ver coisas bonitas, tantos prédios, pracinha etc. e falou: Acho que vou gostar daqui, nunca vi nada igual. Ela fez o concurso e voltou para casa toda confiante.

Num belo dia saiu o resultado tanto da universidade quanto do concurso, e a Mary conseguiu passar nos dois, ela ficou super feliz, chegou em casa animadaça, contou para os tios, que lhes deram parabéns pela sua força de vontade. Ela ligou também para os pais, que ficaram super, hiper, mega felizes, até resolveram fazer uma festa e convidaram toda a vizinhança para comemorar o sucesso da filha na cidade grande.

Ela é Lavinia da Gama, nasceu no dia 22 de setembro de 1987 no país Guiné-Bissau, cidade de Bissau, formou-se em Letras pela Universidade Lusófona de Bissau nos anos de 2009/2015. Atualmente é professora de ensino médio na Escola Portuguesa, e no ano de 2015 ficou entre os três primeiros colocados no concurso com o conto "Dias melhores virão", que vai falar um pouco da história de uma jovem que saiu do interior em busca de uma vida melhor.

Um dia para o sucesso

Mário Santana

Marcelo entra na faculdade e se depara com um cartaz de um concurso literário de contos. Ele observa e diz: "Vou me inscrever". O rapaz esperava por essa oportunidade, pois no final do ano passado, estava super inspirado e escreveu vários contos. Ter um texto publicado na *Revista Literária*, seria um sonho realizado.

Inscrição feita, um sorriso no rosto, e Marcelo com o dilema de qual dos seus contos poderia ser o ganhador e finalmente ser publicado. Ele pede ajuda a Aninha, sua amiga do peito, por quem também sente uma paixão platônica, entre todos os contos, a moça escolhe "Amigos inseparáveis". Porém, Aninha não sabe é que ela é a musa inspiradora do texto selecionado.

O dia finalmente chega, e o conto de Marcelo "Amigos inseparáveis" será publicado. Ele não se aguenta de tanta felicidade e vai contar à jovem. Ele a abraça tão forte, que ela acaba se declarando para Marcelo, pois também o amava, agora não serão mais amigos inseparáveis, mas amantes inseparáveis. Ela tira um papel amassado do bolso e o entrega a Marcelo. Era um conto inspirado neles, e ela diz: "Ano que vem será a minha vez".

Mário Santana, que utiliza o pseudônimo João, nasceu na cidade de Contagem em 1956. Professor, é escritor de vários contos, como "Amigos inseparáveis", que foi publicado na *Revista Literária* em 1976. Publicou dois livros: *O impossível*, pela Editora Abril, em 1985, e *A fonte da juventude*, pela editora Moderna, em 1990. Tem paixão pela escrita.

Conto

Lúcia Haze

Com os pés no século XX e a cabeça no XXI, Bruna K nasceu na primavera de 1996, num vinte de outubro, em Belo Horizonte. É estudante de Letras e professora de literatura. Depois de muito escrever no vácuo, resolveu levar sua lira dos vinte anos a público. Estas narrativas, tão jovens e já tão tagarelas, brotaram de suas mãos durante o verão de 2015. O conto "Conto" foi vencedor do Prêmio de Contos Contados de 2016.

ficou um lixo. eu sou péssima em fazer essas merdas já disse. por que os escritores não contratam alguém pra contar deles, hem? muito melhor do que ficar contando de si mesmo na terceira pessoa E AINDA POR CIMA fingir que não somos nós que estamos contando de nós mesmos fingindo que fingimos pessoas fingindo ser Pessoa somos blasés demais pra isso afinal quem tagarela sobre si mesmo é só mais um narcisista querendo chamar atenção e se for mulher então piora porque afinal ELA DEVE SER UMA VADIA QUALQUER ATTENTION WHORE QUE QUER DAR PRA TODO MUNDO DA VIZINHANÇA. que ridículo. isso é ridículo. esse cu desse conto nem vai passar. tá muito mal feito

eu nem me chamo bruna. só escolhi esse nome porque rima com lacuna e eu sou um todo lacunoso se o teu silêncio se fizer o meu, porisso falo falo, para te exorcizar, porisso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim, quebram-se os duros dos abismos, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas, um nascível de luz, ausente de angústia PORISSO TE CONTO, TE CONTO mas isso é hilda hilst não eu. eu sou

não
nananinanão
eu não sou bruna esta desconhecida nome que escolhi pois significa
escuridão, coisas escuras, escuríssimas, sem luz alguma sem saída
ah então é como um beco sem saída? é sim meu amor uma rua
que não tem fim pois se você chegar ao fim é mandado de novo
pro começo e assim vai para sempresempre enquanto o
espetáculo continuar
bruna k bruna k quem é você? ah beleza então agora VOCÊ É A BRUNA
K tá achando que é quem minha queridíssima? ana c? quem você
pensa que é pra se autonear bruna k tá doidinha tá louquinha só
pode aiaiai ri-dí-cu-la.
não. quem me nomeou assim foi sérgio p PUTA QUE PARIU PARA DE
USAR SÓ AS INICIAIS COMO SE FOSSE ANA C mas e se eu for mas não sou
não porque ela é poeta e eu contista? ok. é proibido mas se quiser
pode.
enfim voltando foi sérgio p ai que homem que homem lindo que
homão lembro dele suado em cima de mim mas eu nem gosto de
homens então cala a boca. não gosta por quê? uai não pode ser
lésbica nesse país? é proibido mas se quiser pode
eu quero
então não pode
uai mas você acabou de falar
EU SEI O QUE EU DISSE É QUE VOCÊ ADMITIU QUE VOCÊ NÃO É VOCÊ
sim
então como minha senhora me explique COMO eu abro esta exceção
para você somente. se eu permitir aqui vai virar bagunça
mas eu achei que já tava uma bagunça
sim ficou um lixo. eu sou péssima em fazer essas merdas
já disse

My dear,

Essa porra desse conto nunca vai ganhar essa porra desse concurso. Os jurados gostam de coisas lineares, certas. Você é errada pra cacete, Lúcia, querida Lúcia, luz da minha vida, fogo de minhas entranhas. Bruna K não

*existe e ela não pode te salvar. Volte pra sua cela, sim? Saudade do seu corpinho.
Com amor, um beijo gostoso do
seu pai Sérgio*

p.s. não te mando mais nada da Hilda. Não te fez bem.

Conto de amor

Marina Lopes

Marília, a doce menina da Escola Estadual Alphonsus de Guimarães, gostava de colecionar papéis de carta e brincar de boneca com as amigas. Mas tinha um sonho: ser escritora.

Ela morava em uma cidade pacata, no interior de Minas Gerais, perto da pracinha principal e próximo da igreja matriz Santa Rita de Cássia. Era conhecida por muitos da escola, tinha uma beleza exuberante, cabelos compridos, olhos negros, pele clara e almejava participar de um concurso literário que iria ocorrer em alguns dias em sua cidade.

Certo dia, chegou na região um rapaz conhecido pelo nome de Vicente, que havia mudado da capital mineira e tinha a intenção de fazer história por ali. Iniciou os seus estudos em um colégio da capital muito conhecido, o Estadual Central, e logo conheceu a jovem Marília. Trocaram ideias, tanto em sua escola quanto nos encontros que marcavam na pracinha perto do lugar onde moravam.

Com a aproximação de Marília e Vicente, ela se tornou uma escritora cada vez mais inspirada, pois o Vicente era um rapaz alto, moreno, de olhos claros, e tão engraçado que a encantava. E assim, permitiu-lhe escrever contos de amor, desde o dia em que se aproximou dele, quando veio para a cidade interiorana, contava-lhe grandes histórias para ela. Foi assim que criou a sua personagem com o pseudônimo de Marina Lopes, uma moça romântica, vaidosa e simpática, que surpreendia a todos com a sua beleza e elegância.

Chegou o grande dia de apresentar o seu trabalho, numa linda tarde de verão, todos estavam entusiasmados com as apresentações, e naquela banca de avaliadores estavam grandes escritores da cidade. Então se preparou, pois havia chegado a sua hora de encantar os convidados.

O conto foi apresentado e muito aplaudido, todos os presentes gostaram da sua história. Com muito empenho, a garota romântica e encantadora ganhou o prêmio de melhor conto.

Marina Lopes foi o pseudônimo da garota na cidade interiorana de Minas Gerais, conhecida por todos como Marília Lopes. Muito criativa e espontânea, participou do concurso literário que houve em sua cidade. Era Marina seu pseudônimo por combinar com a sua pele morena de cabelos longos, negros e atentos. Tornou-se popularmente conhecida por sua característica romântica e seduzente.

Garupa

Mirian Porto

Ontem quando eles saíram para brincar, eu fiquei em casa ainda relutando para não ir também, mas não resisti. Demorou o tempo de contar até 120 e sair atrás correndo para não perder tempo nem de vista a tralha toda.

Foi Pina, Nena, Juarez, Vaninha, Jô, Luizinho, Lê, Déia, Pininim e eu, a última a chegar. Estava resistindo porque tinha medo do jeito como tinha que aprender a andar de bicicleta, todo mundo já tinha passado por isso, só faltava eu, a mais nova da turma, aprender a andar na única bicicleta que era servida em rodízio no banquete da molecada pobre que morava ali perto.

O método era o seguinte: cada um tinha sua vez de andar na bicicleta, que não era nem pequena nem grande pra turma, mas pra mim era quase uma gigante. A vez de cada um era dar duas voltas de uma esquina a outra. Sempre tinha um engraçadinho que avançava mais longe. Ao contrário do que ocorria comigo, que encurtava o caminho porque tinha que ter alguém na minha garupa para me segurar apoiando os pés no chão como se fossem rodinhas de uma bicicleta nova de criança pequena.

Era difícil tentar andar carregando na garupa alguém bem mais pesado que eu e ainda tentando se equilibrar.

Mas foi assim que aprendi a andar de bicicleta e aprendi também que o peso que carregamos nem sempre ou quase nunca é um fardo, e sim um aprendizado.

Natural de Belo Horizonte, nasceu em outubro de 1992, Miriam Porto viveu sua primeira infância numa vila próxima ao centro da capital. Naquela época ainda eram comum brincadeiras nas ruas como queimada, pique esconde, bolinha de gude, entre outros. A autora traz de sua infância e pré-adolescência estórias que ajudaram escrever contos. Foi com seu primeiro conto, que Miriam concorreu ao prêmio de contistas jovens em Belo Horizonte usando o pseudônimo de Marília.

O novo machuca

Ana Oliveira

Não sei quando começou, nem como cheguei até aqui. O processo foi gradual e tão pronto já não me reconheci. Fiz tudo, mudei tudo, simplesmente tudo para convencê-lo a me amar. Mas como alguém seria capaz de me amar se eu mesma não me amava? Pode parecer clichê, mas é verdade. Dei minha alma em vômito e meu corpo começou a desmoronar, já não me sentia tão bem com a carcaça que se apresenta no reflexo do espelho. Ninguém se sentia bem ao me ver, perguntavam se eu estava doente e eu fingia não perceber o caos ao meu redor. Traições e outras traições vieram à tona e eu já não conseguíamos respirar. Não me imaginava sem ele, não conseguia enxergar uma saída. Já não podia mais e esse foi o ápice, me tranquei em prantos e já não saía, já não via pessoas, só chorava, chorava e chorava mais ainda. As lágrimas não se esgotavam, nem mesmo a dor, nem mesmo o ódio, nem mesmo o amor. Tudo era tão intenso, que pensava que iria explodir. Tudo iria explodir ao meu redor. Via-me entre os destroços daquilo que havia me tornado. Já não podia respirar, me faltavam forças!

A tristeza surge muitas vezes sem motivo. E desta vez, decidi procurar ajuda. Disseram-me que eu estava um pouco deprimida e deveria tomar antidepressivo. Recusei-me a depender de um remédio para ser feliz.

Estou tentando respirar!

Não quero permanecer assim, mas sei que para sair de onde estou tenho que esgotar todas as minhas fraquezas. Não sei como

sair daqui, não sei o que fazer. Sinto-me sozinha e abandonada, não sei se acredito em Deus. Ao mesmo tempo em que penso ter sido abandonada por Ele. Sei que sou contraditória e uma medrosa sem causa. Estou vivendo a pressão de ser adulta, tenho que conseguir um trabalho para pagar o aluguel e continuar em BH.

Não estou me fazendo de vítima, mas não está sendo fácil. Queria tantas coisas, sonhei com tantas coisas e nada acontece nos meus olhos de desesperos enquanto tudo na verdade se transforma bruscamente.

Ana Oliveira, escritora e aluna recém matriculada na Faculdade de Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais. Mineira com 23 anos, nascida em Barbacena, veio morar em Belo Horizonte. Sua primeira publicação foi o livro *Contos dos contos meus*, com contos regionalistas. Acreditando que a publicação seria a forma mais direta de ingressar no ambiente de criação nas artes, decidiu participar do concurso promovido pela *Revista Literária da UFMG* com pseudônimo Eu no mundo.

Equívoco

Maria Adelaide

Adelaide,

É com muito carinho que escrevo este e-mail para parabenizá-la pelo primeiro lugar no concurso de contos da nossa pequena cidade, Campo Belo.

Pensei que você estaria disponível, na próxima semana, para relembrarmos os velhos tempos (quando vivíamos uma na casa da outra, lembra?), mas agora, em vez de irmos tomar sorvete, pensei que o seu prêmio merece algo muito melhor que uma simples sorveteria no centro da cidade. Que tal irmos naquele restaurante que sempre queríamos ir, mas não tínhamos dinheiro? Agora, com os dois mil reais do conto que você escreveu e foi premiado, nós podemos ir.

Da sua amiga de escola,

Ângela de Souza

Aquele era mais um *e-mail* que Adelaide mal acabara de ler e já excluía. Nas últimas duas semanas, ela já havia ignorado diversas ligações e *e-mails* daqueles que um dia conheceu, outros que apenas a viram uma única vez, mas que, certamente, não sabiam o seu nome.

Entretida com o livro, que incluía o seu próprio conto vencedor do concurso, apenas olhou a tela do celular quando percebeu que ele estava tocando. Vendo que era um número desconhecido, ignorou a chamada.

Adelaide, no entanto, esqueceu-se de que sua mãe, dando uma de cupido, havia dito que o seu primo, aquele por quem ela havia tido uma paixonite no ensino médio, ligaria para ela, pois estava de volta à cidade e gostaria de reencontrá-la.

A campainha tocou e, pela câmera de segurança, viu que era uma entrega dos Correios. Rapidamente, ela pegou a chave, destrancou a porta e foi rumo ao portão para pegar a sua encomenda.

Mas antes mesmo que pudesse voltar para casa, escutou alguém chamando-a. Intrigada por não reconhecer a voz, virou para o lado e viu que era um rapaz que estava saindo de um carro branco.

— Sua mãe me disse que você estava ignorando as ligações, então resolvi te visitar pessoalmente, Adelaide.

Vendo que ela parecia não reconhecê-lo, decidiu se apresentar:

— Sou o seu primo Adalberto.

Sua mãe estava certa a respeito de Adelaide ter tido uma paixãoite por um primo no ensino médio, mas o que ela não sabia era que a paixãoite não era pelo primo Adalberto, mas, sim, pelo primo Roberto.

Suspirando, Adelaide esboçou o seu melhor sorriso dissimulado e cumprimentou o primo:

— Como eu poderia esquecer o adorável Adalberto?

E com o pensamento em como seria bom poder excluir pessoas da sua vida, assim como deletava os *e-mails* indesejados, ela o convidou para tomar um chá de sumiço.

Maria Adelaide ou Adelaide, como prefere ser chamada, é mineira de Campo Belo. Nascida em setembro de 1990, é formada em Arqueologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT). Apesar de ser considerada uma das melhores contistas da sua cidade, ainda não consegue entender como ganhou o primeiro lugar no concurso de contos de Campo Belo e, muito menos, sabe como ignorar todas as mensagens que recebe diariamente daqueles que tentam ter cinco minutos de fama ao seu lado por um dia tê-la conhecido.

Beendito Benedito

Benedito de Brito

Em 2000, Benedito de Brito viveu a maior saia justa ao participar de um programa de TV, de transmissão ao vivo.

Era a primeira vez que o jovem contista, de classe média baixa, falava de seu trabalho para um público tão amplo.

Benedito havia acabado de participar do concurso literário Jabuti e saiu classificado em primeiro lugar, embolsando a mísera quantia de R\$20.000,00 — virou classe média alta depois do prêmio.

O jovem autor era um sujeito tímido, que se atrapalhava com as respostas que dava às perguntas do apresentador, por ter vergonha do seu problema de gagueira. Durante a entrevista, em horário nobre, o apresentador direcionava as perguntas ao Beendito. Essa atitude entristecia o entrevistado, que começou a mudar a fisionomia; foi ficando vermelho, vermelho, começou a gaguejar como há muito tempo não gaguejava. De repente, ficou com falta de ar e teve de ser retirado de cena numa maca de hospital.

Na semana seguinte, após ser liberado do hospital por causa do surto, o contista Benedito retornou ao programa a convite do apresentador, que fez questão de se desculpar ao vivo.

A história ficou esclarecida.

Na verdade, o nome do autor era Benedito de Brito.

Durante o seu tempo de escola, os coleguinhas o apelidaram “Beendito”, pois era assim que ele conseguia pronunciar na época, antes de virar adulto e poder ter uma consulta com um fonoaudiólogo e melhorar um pouco a sua dicção.

O seu grande erro foi usar o doce apelido de infância na hora da inscrição do concurso literário.

Depois de explicar seu verdadeiro nome de autor, o contista passou a ser conhecido como o Beendito Benedito.

Benedito de Brito (o Beendito) nasceu em Araruta de Minas, em 1980. Estudou o ensino fundamental na escola da cidade e mudou-se para uma escola em Belo Horizonte para concluir o ensino médio. Na capital, descobriu a inspiração para a escrita ficcional. Participou do concurso literário do Prêmio Jabuti em 2000 e foi classificado em primeiro lugar geral com "O conto dos infernos". Atualmente é um grande autor aclamado pela crítica.

De nós só sei de mim

Joana Lanza

Ela se aproximava dele, ele se esquivava. Ele vivia dizendo que não sabia se queria voltar, e ela não entendia o motivo. Deixou de amá-la? Talvez. Ele vivia dizendo que não sabia o que era melhor pra eles, que estava confuso, que tinha muita coisa pra pensar. Com tantos desencontros, os dois pouco sabiam o que estava por vir, mas nada veio e então ela se cansou. Era mulher decidida, que não entendia muito bem essa indecisão, meio termo ela desconhecía: ou quer ou não quer. Por fim, desistiu. Resolveu esquecer, se preocupar com sua vida, e não com a possibilidade de um "nós" que ela não sabia se poderia voltar a ser real. Um dia ele finalmente decidiu que ficaria com ela, mas ao dizer "E nós?", ela respondeu: "De nós só sei de mim".

Joana Lanza nasceu em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, no ano de 1990. Autora de 6 obras de sucesso, este ano está concorrendo ao Prêmio Nacional de Literatura independente. Os títulos das suas obras são: "*O sal da minha pele*" (2010), "*Nós: O inverso*" (2011), "*Contratemplos*" (2012), "*De nós só sei de mim*" (2013), "*Estrutura Instável*" (2014) e "*Abraços e nunca mais*" (2015). Joana se descobriu escritora na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde concluiu, no ano de 2014, o Bacharelado em Letras com ênfase em Estudos Literários. Em 2016 participou de um dos concursos literários mais concorridos do país, o Prêmio Casa dos Amores e ganhou graças à sua obra de 2013, "*De nós só sei de mim*".

Ponto de partida

Hugo Almodóvar

Não fazia vinte minutos que a ansiedade tinha tomado conta de seu corpo. Mãos frias, dedos agitados. Pensamento a mil. “Resultado do concurso literário” era a manchete na página da *web*. Seu nome figurava entre os três primeiros, além da convocação para a disputa de outro prêmio. Agora, a condecoração seria de instância nacional. Precisava escrever, refazer, reelaborar, rever. Precisava do impreciso: inspiração.

Da tela do computador para o papel. Quem sabe não flui melhor? Não fluiu. A responsabilidade é grande e o almejo também. Nada mais friamente calculado do que é planejado por um capricorniano. Pontos a seu favor. Não foi! Nem título, nem palavras, nem artigo definido para iniciar frase. Nem nada. Do que vale a sua graduação se o pré-requisito é ser criativo? Não era.

Pseudo-contista de ausência imaginativa em formação: isso era. Além de fluente em francês e inglês. Nada mais. Nada além de uma linda ilusão. Achava-se bom e talvez fosse mesmo. Só estava sem estímulo. Escrever sobre memória e tempo? Algo boêmio ou a respeito de alguma paquera? Não sabia.

Da escrivantina para a cama. Por que não tirar um cochilo? Quem sabe um sonho não o entusiasme para algum mote. O buldogue do vizinho late. O interfone toca. Sua mãe chega com as compras. O clima não está fechado, mas não é nem um pouco propício. Sob pressão, não há vocábulos que escorram da caneta. Só texto dissertativo-argumentativo modelo ENEM. Isso era craque.

Deitado ainda, rememora seus tempos de colégio. Era bom em humanas, e criativo até. Foi por isso que escolheu publicidade. Uma crise de identidade começava a despontar. A inquietude mudava de perspectiva. Nada anormal. Seus colegas já passaram pelo mesmo. Só não demonstraram. Partilhar as experiências é importante, as pessoas só têm medo de se exporem frágeis. Não é nada errado.

Debruça-se sobre o colchão. Alcança a mochila e pega seu caderninho. Observa seus desenhos e os poucos poemas que já fez. Escrever sobre a escrita sem um alento. Era sobre isso que iria elaborar. Toma fôlego. E algumas notas. Esboça frases curtas. Seria assim. Se achou um gênio! Pensou em metalinguagem, mas não lembrou da definição. Foi difícil começar. Entre o resultado do concurso e essa iniciativa passaram quatro horas. Tinha ainda vinte e oito. Dias, é claro, para submeter seu conto. Porém, achava que era pouco. Mesmo com todo o tempo — ainda lhe faltava tempo.

Os nove meses embrionários terminaram em 03 de janeiro da exata metade dos anos noventa, dia em que nasce Hugo Almodóvar. Nutre um vínculo com os livros desde pequeno, quando lia seus quadrinhos. Alimenta sonhos e os desabafa em contos. Não tem nada de extraordinário, além de um curso de Publicidade e Propaganda (PUC-MG) e um Prêmio Sesc de Literatura 2014.

Nota da editora

Este caderno Viva Voz apresenta o resultado de uma experiência de criação literária realizada na disciplina História da edição em Minas: o conto. Entendendo que a experiência literária é tão ou mais importante do que a pesquisa sobre a literatura, reservamos um espaço no semestre de estudos sobre o conto produzido e publicado em Minas Gerais para a criação autoral.

A proposta foi que cada estudante criasse um personagem contista, com nome e uma minibiografia. E, ainda, um conto escrito por esse contista, e um pseudônimo, com o qual ele teria participado de um concurso literário. A ideia foi vivenciar a situação do concurso literário, fator tão importante na vida de um jovem escritor e na história da publicação de literatura.

Em Minas Gerais, especialmente no século XX, os concursos, ao lado dos suplementos e revistas literárias, incentivaram o aparecimento de um grande número de escritores de narrativas curtas, fazendo com que Minas fosse identificada como a terra do conto e forjando o termo *contista mineiro*. Nesse contexto, destacamos o *Suplemento Literário*, criado em 1966 pela Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais, que teve como primeiro editor o contista Murilo Rubião, e garantiu espaço de publicação (e ainda garante) para uma grande diversidade de escritores. Ressalta-se a chamada *geração suplemento*, constituída por escritores que alcançaram renome nacional, dentre os quais os contistas Luiz Vilela, Jaime Prado Gouvêa, Duílio Gomes, Wander Piroli, Humberto Werneck e Sérgio Sant'Anna.

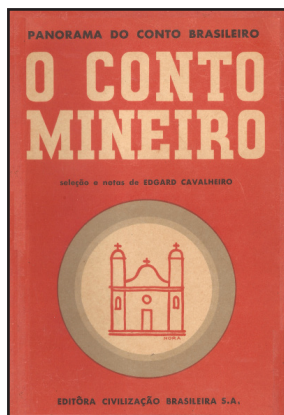
Destacamos também a *Revista Literária do Corpo Discente* da UFMG, que, de 1966 a 1995, incentivou inúmeros estudantes universitários, por meio de concurso anual com premiação e publicação na revista, a se dedicarem à escrita criativa. O concurso da *RL* publicou as primeiras experiências de vários contistas da *geração suplemento* e diversos outros que mais tarde publicaram livros de autoria individual, como Sandra Lyon, Luis Alberto Brandão e Ana Cecília de Carvalho.

Neste ano de 2017, em que a Secretaria de Estado de Cultura celebra os 50 anos do *Suplemento Literário* e a Faculdade de Letras lança o número comemorativo dos 50 anos da *Revista Literária*, novos contistas mineiros, saídos da sala de aula, encontram nas Edições Viva Voz sua primeira casa editorial – de portas abertas: esta breve coletânea.

Sônia Queiroz



Geração Suplemento. Foto da quarta capa de *Contos gerais*, 1971.



O conto mineiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.



Contos gerais. Belo Horizonte: Ed. Oficina, 1971.



Histórias mineiras. São Paulo: Ática 1984.



Contos mineiros. São Paulo: Ática, 1985.



Novos contistas mineiros. Pará: Mercado Aberto, 1988.



Contos da terra do conto. Pará: Mercado Aberto 1997.

Antologias de contos mineiros publicadas no século XX.

Índice de autores

Bruna Kalil Othero, 19

Bruna Viana, 29

Daniele Melo, 17

Ermita Sá, 15

Flávia Andrade, 31

Kate Garófalo Evaristo, 27

Katryn Rocha, 11

Luiz Guilherme Libório Alves, 9

Marane Moreira Silva, 23

Maria Alice da Silva, 25

Octavio Cardozzo, 3

Samuel Ananias, 7

Sheila Renata, 13

Sthefanie Magalhães Castro Paiva, 33

Vinícius Sáez, 35

Os autores

Bruna Kalil Othero (Belo Horizonte, 1995) estuda Letras na UFMG. Publicou *Poétiquase* (Letramento, 2015), além de textos no caderno Pensar (Estado de Minas); na antologia *Contemporâneas* (Vida Secreta, 2016); entre outros. Tem dois poemas premiados: "Memória Estéril" (2016), no Prêmio Maria José Maldonado e "Agora Nesse Quarto" (2014), no concurso Sarau Brasil 2014.

Bruna Viana nasceu em Belo Horizonte, no inverno de 1992. Aos três meses, mudou-se para Burity, no Noroeste de Minas, aos 10 anos mudou-se para Unai e aos 17 anos, para Belo Horizonte para tentar ingressar no ensino superior. Iniciou os estudos em Letras na UFMG em 2012. Já quis ser modelo, dentista e piloto de avião. Atualmente, somente alça voos na área de Edição.

Daniele Melo nasceu na cidade de Nova Iguaçu, no estado do RJ, em 1983. É estudante de Letras na UFMG e não publicou nenhum livro.

Ermita Sá nasceu em 20 de setembro de 1987, na região de Gabu, Guiné-Bissau. É estudante da Licenciatura em Letras – Português na UFMG. Aos 18 anos trabalhou na Secretaria Luta Contra SIDA na região de Gabu.

Flávia Andrade nasceu em Ipatinga (MG) em 1982. Em 2016, formou-se Bacharel em Língua Portuguesa com ênfase em Edição, pela UFMG. Escreveu o prefácio do livro *Iniciação de um contista*, publicado em 2015 por Jeremias Silva, e alguns contos e poemas, mas o conto "Beendito Benedito" é sua primeira publicação literária.

Kate Garófalo Evaristo é nascida e criada em Belo Horizonte. Aos 24 anos, ingressou no curso de Letras da UFMG. Atualmente, só

estuda, mas possui experiência em escolas públicas como estagiária da disciplina língua portuguesa. O conto "O novo machuca", aqui publicado, é sua primeira experiência de escrita literária.

Katryn Rocha nasceu em 18 de agosto de 1993 em Pirapora. Formou-se em Artes Visuais em 2013, e atualmente estuda Letras com ênfase em Edição na UFMG. Suas publicações foram divulgadas inicialmente em seu blog "Pode me chamar de Kah" e, posteriormente, passaram a ser publicadas em sua página "Lady Murphy", no Facebook, e em páginas de quadrinhos de mulheres.

Luiz Guilherme Libório Alves nasceu em Bebedouro (SP), no dia 23 de novembro de 1994. Iniciou, em 2012, os estudos em Letras pela UFG, transferindo-se, no ano seguinte, para a UFMG. É autor de dois livros de poesia (*Pagode Violento Sobre as Vísceras do Tempo*, volumes I e II) e um dos vencedores do Concurso Poemas no Ônibus e no Trem, de Porto Alegre, no ano de 2012.

Marane Moreira Silva nasceu na cidade de Medina (MG), em 08 de março de 1985. Cursa Letras na UFMG. Gosta muito da cidade de Belo Horizonte, pois a acolheu e a possibilitou realizar sonhos e almejar novos objetivos.

Maria Alice da Silva nasceu em 1972 na cidade de Belo Horizonte (MG). Começou sua primeira graduação em 2012, no curso de Letras da UFMG. Trabalhou como bolsista durante o segundo semestre de 2016 no Carro Biblioteca, um ônibus adaptado para funcionar como biblioteca pública, uma parceria da UFMG com o MEC.

Nania Silveira abriu a boca a chorar na quinta manhã do junho de 97. Dizem que é sinal de saúde... Amém então, uai! Nania Silveira, oliveirense, estuda Jornalismo na UFMG. Vez ou outra, bem amiúde, se meteu a escrever umas poesias ou relatos estranhos, num caderninho verde, junto com frases dos grandes mestres, ídolos. Entre eles, contistas; mas conto mesmo, esse é o seu primeiro. O

nome Nania Silveira, com "i" tônico, por favor. O sertão tá no sangue: "biso" Bertolino foi tropeiro. A "caipireza", portanto, tá na escrita, na música... Tá na vida, graças a Deus.

Octavio Cardozzo é cantor e compositor mineiro. Tem dois discos lançados, sendo o primeiro, *Vela aberta* (Independente, 2016), com o grupo *Alpercata*, e o segundo, *Âmago* (Tratore, 2017), solo. É ativista cultural, além de ser produtor de diversos eventos de promoção da música autoral. Também é estudante de Letras, pela UFMG.

Sheila Renata La Guardia cursa Letras na UFMG. Reside na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Após concluir um curso Técnico de Segurança do Trabalho, Sheila pensou em seguir a carreira de engenharia, entretanto, acabou optando por sua verdadeira vocação, Letras.

Sthefanie Magalhães Castro Paiva nasceu em 06 de abril de 1995 na cidade de Belo Horizonte, onde ainda mora. Após curso técnico em Meio Ambiente no CEFET-MG, cursa Letras na UFMG, na habilitação de Bacharelado em Português com ênfase em Edição.

Vinícius Sáez (Campos Gerais, 1996) é estudante de Letras da UFMG, com habilitação em Português-Francês. Interessa-se por teatro e literatura portuguesa contemporânea. Seus textos nunca saíram do rascunho, porém este "Ponto de partida" será o seu primeiro conto publicado.





As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.